

A arte pelo caminho: arte, sociedade, e Construção de subjetividades

CHAGAS, Marly¹

marlychagas@alternex.com.br

RESUMO – O Projeto *Buscando Caminhos Através da Arte*, realizado através da parceria entre o CBM-CEU e a Fundação Leão XIII, foi desenvolvido em abrigos de adultos em situação de rua. Dirigido aos usuários e aos funcionários dos abrigos, ofereceu: atividades de música, teatro, movimento corporal, contação de histórias e musicoterapia. Foram realizadas reuniões técnicas de acompanhamento e seminários teórico-técnicos envolvendo profissionais do Projeto e representantes dos abrigos da Fundação. O *Buscando Caminhos* aplicou o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, a um projeto de musicoterapia ecológica. Construímos inúmeros agenciamentos advindos de texturas, cores, formas, histórias e sons. A participação dos envolvidos – usuários, funcionários e profissionais do projeto, determinou a ampliação significativa de conexões micro-políticas entre as pessoas, expandindo, a produção de saúde na instituição. Confirmamos, nessa experiência, a potência da arte como produtora de “*afectos* que transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (Deleuze e Guattari).

PALAVRAS-CHAVE - Musicoterapia. Comunidades; Rizoma.

O projeto *Buscando Caminhos Através da Arte* realiza-se em parceria entre o Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário e a Fundação Leão XIII, do Estado do Rio de Janeiro. O seu primeiro formato aconteceu em 2002, sendo retomado, com algumas modificações, em 2003/2004. Foi desenvolvido em abrigos de adultos em situação de rua nas unidades da Fundação Leão XIII, nos bairros Fonseca e Itaipu (Niterói), e Campo Grande e Triagem (Rio de Janeiro). O Projeto dirigido aos usuários e aos funcionários dos abrigos ofereceu: atividades de música, teatro, movimento corporal, contação de histórias e musicoterapia. Nesse programa, foram realizadas reuniões técnicas de acompanhamento e seminários teórico-técnicos envolvendo os profissionais do projeto e representantes dos abrigos da Fundação. O projeto *Buscando Caminhos* pode ser entendido como um facilitador de algumas práticas saudáveis, já que buscou a produção de uma subjetividade construída em territórios existenciais experimentados em diferentes campos da cultura. O estabelecimento de um intercâmbio entre as equipes do projeto e da Fundação foi fundamental para o êxito desse trabalho.

¹ Mestre e doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social- IP/UFRJ. Musicoterapeuta, Psicóloga. Professora da graduação e da pós-graduação do CBM –CEU.

Confirmamos, nessa experiência, a potência da arte como produtora de “*afectos* que transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (Deleuze e Guattari). Durante o projeto, ampliaram-se significativamente as conexões entre as pessoas, expandindo, de forma significativa, a produção de saúde na instituição.

Desde os primeiros momentos, percebemos que o que estávamos construindo possuía uma riqueza ímpar. Trabalhar nos abrigos da Fundação é estar no fio da navalha. É tocar com espanto um lugar de limite: da sociedade e de nós mesmos. É repensar o contrato social que descontratamos, e o outro que ainda não estipulamos. É chafurdar na indignação, na coragem, na utopia e na desesperança...

Michel Foucault, o estudioso da constituição do sujeito, propõe, para entender as relações de poder na sociedade em que se vive, “analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias” (1995 p 234). Por isso, para descobrir o que significa a sanidade na nossa sociedade, Foucault investigou a história da loucura para compreender a legalidade, e estudou o modo em que se constituíram as prisões. Utilizando a dica de Foucault, e percorrendo um caminho inverso, deparamo-nos, na nossa prática na Fundação, com o *avesso, do avesso, do avesso, do avesso*² dessa sociedade que estamos construindo. Percebo, inspirada no método foucaultiano, que posso entender, pelo trabalho do projeto *Buscando Caminhos Através da Arte*, muitos mecanismos do mundo em que vivemos. Essa sociedade é vista por Deleuze e Guattari como a sociedade do controle – onde se controla tudo, e todos, a céu aberto –, o controle incorporado nas nossas atitudes e corpos que agem segundo um bio-poder expandido em todas as direções. Nossa sociedade é entendida por Guy Debord como a sociedade do espetáculo: tudo, absolutamente tudo, se espetaculariza e toma proporções midiáticas. Nesse modo de viver que inventamos, a sociedade de consumo para Néstor Canclini significa que os seres do século XXI, antigos cidadãos do século XVIII, foram transformados em consumidores.

Pois eu digo a vocês: nos abrigos da Fundação Leão XIII, os corpos são dóceis. Não há espetacularização, não há consumo, nem reclamação que se escute além dos muros, ninguém faz passeata, nem greve, muitos não têm certidão de nascimento, nem título de eleitor. No entanto, é lá mesmo que nos vemos – exatamente como propôs Foucault –, é lá mesmo que nos enxergamos espetacularizados, consumidores, sujeitos do controle. Indignamo-nos porque a frase afixada no alto da porta indica Centro de

² *Sampa*, Caetano Veloso.

Recuperação Social, objetivo que aparentemente a Fundação não cumpre. Aparentemente, por que precisamos recuperar aquelas pessoas adoentadas, demenciadas, idosas, drogadictas? Para qual sociedade? Para quais membros? Para quem? Recuperá-las em uma sociedade dessas é deixá-las lá, quietinhas, sem incomodar muito os sonhos consumistas-espetaculares-capitalistas-selvagens de todos.

Esse projeto, contudo, não fez isso. Não deixou ninguém lá, quietinho, como se fosse estátua, ou vegetal, ou *cidadão civilizado*³ Partindo da compreensão de que entender as mazelas da Fundação é entender as feridas sangrentas do mundo em que vivemos, é entrar em contato com nossas próprias agonias, é perceber essa nota pedal do funcionamento social, o baixo contínuo que insere tanto quanto desloca o nosso trabalho. O abrigo transforma-se, na casa não identificada como moradia, no lugar de passagem que se fixa no tempo O projeto trabalhou com a recomendação de Raonik e Guattari (1986), “sem a desalienação dos desejos e a reconstrução de uma sensibilidade ética e política”, não haverá como promover mudanças. Nós desejamos, e como desejamos.

*Sabiá lá na gaiola, fez um buraquinho, voou, voou, voou, voou*⁴, cantam as mulheres de Fonseca. *Boemia, aqui me tens de regresso, e suplicante lhe peço a minha nova inscrição*⁵, cantam os idosos de Itaipu. *Não posso ficar nem mais um minuto com você*⁶, canta Campo Grande. *Quando, você se separou de mim, quase a minha vida teve um fim*⁷, canta Triagem. Todos cantam *Quero uma casinha branca de varanda*⁸. “Eu desenhei uma princesa, ela está em um castelo com um príncipe. Ela não tem dente, igual a mim!”, conta-me a mulher do Fonseca, mostrando seu desenho em símbolos pré-esquemáticos.

O projeto funciona de forma rizomática. O rizoma é uma forma de raiz que inspira Deleuze e Guattari (1995) para propor uma maneira de funcionamento que não tem um núcleo de onde se depreendem ações. Há múltiplos núcleos, com inúmeras ramificações em vários sentidos e direções. Cada Centro de Recuperação possui sua dinâmica, cada profissional, cada usuário, cada linguagem e núcleo onde se entrecruzam muitos e diferentes agenciamentos. As reuniões de acompanhamento do projeto, feito

³ Referência a *Bichos Escrotos* - Titãs

⁴ *Sabiá lá na Gaiola* - Hervé Cordovil e Mário Vieira

⁵ *A volta do boêmio* - Adelino Moreira

⁶ *Trem das onze* - Adoniran Barbosa

⁷ *Quando* - Roberto Carlos

⁸ *Casinha Branca* - Gilson e Joram

no CBM-CEU, exemplificam a grande troca de trabalhos, indignações, reclamações, casos extraordinários, impotências, potências. Tudo e todos agenciando ações de conseqüências imprevisíveis.

Na panorâmica da situação política, a globalização, promotora de mudanças neoliberais, interfere na estrutura política do Estado que, através de seus agentes, passa a direcionar sua atenção principalmente para aspectos econômicos e de mercado, deixando desatendidas questões importantes para outros setores sociais, tais como educação, saúde e moradia. Buscamos, através da arte, a efetivação de micropolíticas, aquelas que se dão nas relações sociais, subvertendo a paralisia da política do Estado contemporâneo que não mais se responsabiliza pelo bem-estar de seus membros.

Pode-se dizer que as micropolíticas constituem fontes de pressão, em especial no campo cultural e político. As mesmas vislumbram concepções alternativas para velhos e novos problemas, além de se constituírem no espaço em que a sociedade civil elenca suas reivindicações e pensa soluções. Como movimento, é inegável sua participação na constituição de novos atores sociais e na redefinição dos espaços da cidadania (Warren, apud Canello, 2004).

O projeto busca a construção de uma subjetividade entendida no sentido que lhe dá Guatarri como o “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como ‘território existencial’ auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade, ela mesma subjetiva” (1992, p. 19).

Os territórios existenciais vão sendo construídos nos diferentes campos da cultura, através de diversas formas de expressão e experimentação. Os usuários da Fundação Leão XIII, seus funcionários e os próprios profissionais integrantes do projeto realizam muitos agenciamentos através da arte: texturas, cores, formas, histórias, sons, participação na cultura popular, o boi da boa nova, o bloco da Leão, o almoço de integração, os esquetes, as canções, criadas por eles mesmos ou reinterpretadas, os instrumentos, o espaço físico, a integração pessoal. A subjetividade é pensada como produção social através de processos éticos, estéticos e autopoieticos, onde ocorre a possibilidade dos sujeitos se movimentarem e criarem novos devires (Guatarri, 1992).

A estratégia micropolítica é dada pela utilização da arte com a sua potência afetiva. Afetos que “transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (Deleuze, Guattari, 1992 p. 213), suas possibilidades e limites. Ampliam-se as conexões através da própria vida que pulsa. Situações novas vão sendo despertadas: conseguimos

uma cadeira de rodas para Itaipu; gaitas para Campo Grande; no Carnaval do Fonseca a bateria mirim da Mangueira proporcionou uma integração geracional emocionante e, a viagem dos meninos a Niterói ofereceu aos pequenos mangueirenses, extasiados, a possibilidade de, pela primeira vez, cruzarem a ponte Rio- Niterói; a enfermaria de longa permanência de Triagem canta sob a árvore frondosa do pátio da instituição; Campo Grande tem um grupo instrumental; as mulheres do Fonseca foram ao teatro; os homens de Itaipu organizaram, auxiliados pelos funcionários, um festival de música, outro de poesia. Dançamos juntos cirandas e forrós. Criamos histórias, desenhamos, construímos instrumentos – nas várias dimensões desse termo. Estamos aqui pensando, esmiuçando conceitos, trocando as experiências que vivemos. Ouvimos cada história, cada história, cada história...

A última consequência do pensamento de Guattari é a de que a sociedade não se transforma sem as várias micropolíticas que articulem a revolução molar com a revolução molecular. “No atual estágio do capitalismo periférico brasileiro, a dinâmica de superação da alienação das massas exige mais do que pôr às claras os processos de exploração do capitalismo, mas agenciar o desejo de construir uma nova sociedade, a utopia-concreta” (1992). Essa é a utopia que nos move: constituir um projeto com a pretensão de semear atitudes e de facilitar um viver artista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose. Um Novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica - Cartografias do Desejo*. São Paulo: Vozes, 1986.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. *Uma trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*.
<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.htm/>
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos, conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CANELLO, Roberta. *O Papel das micropolíticas na renovação da política tradicional*.
<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/roberta.htm/> Pesquisada em 5/12/2004.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. *Jornal A Razão*. Publicada em 31.08.2000.
Web Site "Pós-Modernidade": <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/> Pesquisada em
5/12/2004.